CONSERVATÓRIO DE MÚSICA DO PORTO
ENSINO ARTÍSTICO ESPECIALIZADO

CONCERTO DESCODIFICADO

com Fernando Valente
Agnelo Marinho
Nuno Costa

Organização: João F. Ferreira

Diogo Novo Carvalho

21 mai | 09h

Auditório do Conservatório de Música do Porto

www.conservatoriodemusicadoporto.pt

CONSERVATÓRIO DE MÚSICA DO PORTO
ENSINO ARTÍSTICO ESPECIALIZADO

CONCERTO DESCODIFICADO

Fernando Valente é diplomado em Composição pelo Conservatório de Música do Porto. No Conservatório, foi professor de Análise e Técnicas de Composição desde 1984 até janeiro de 2022, e foi presidente da Assembleia de Escola, presidente do Conselho Pedagógico, coordenador de departamento e membro do Conselho Geral. Como compositor, tem tido uma produção diversificada, com músicas escritas para instrumentos solistas, para grupos de câmara variados (duos, trios, quartetos, quintetos) e para orquestra; obras para canto e piano; obras para coro a capella e com acompanhamento instrumental em diversas formações, incluindo orquestra. Tem um largo conjunto de composições para grupos infanto-juvenis. Presta particular atenção ao património musical português. Dos seus recentes trabalhos de composição, salientam-se Durante una lettura di Dante, dez obras para a Divina Commedia (piano - Inferno; trio de vla, vlc e acordeão – Purgatório; órgão ou quinteto de metais – Paraíso), inseridas nas comemorações dos 700 anos da morte de Dante, com apresentações no Porto, em Vigo, Roma e Madrid; Missa de Páscoa /Exultemus et laetemur, para solista, coro e orquestra, encomenda da Sé Catedral do Porto; "Poemas para voz falada e piano".

Sonata para Violino e Piano, Fracta/Freita – 1º Andamento - Relevos | 2014 | 9'00"
Suzanna Lidegran (violino) e Eduardo Resende (piano) | Gravação em suporte áudio
Esta Sonata foi, na sua ideia inicial, a descrição de realidades e memórias, mas orientou-se, naturalmente, para as exigências da composição. Este primeiro andamento, não fugindo a soluções formais da tradição musical, apresenta-se como variação contínua dos elementos iniciais, em episódios sucessivos, com um fugato na parte intermédia e uma pequena cadência para violino.

Impromptus Sobre Canto Tradicional Português – Andantino e Ária | 1986-1997 | 4'45"
Matilde Bernardo (flauta transversal) | Apresentação ao vivo
A obra baseia-se numa canção tradicional portuguesa. Os andamentos de que se compõe denotam ora aproximações ora afastamentos desse material de origem. No Andantino encontram-se desenhos melódicos e intervalos que progridem por um caminho bastante autónomo. A Ária é uma paráfrase da melodia utilizada, enquanto no Scherzo, andamento ausente desta apresentação, reaparecem pequenos elementos do canto em ritmo ternário e caráter movimentado.

Agnelo Marinho (n. 1993) é mestre em Ensino de Música (U. Aveiro, 2022), licenciado em Composição (ESMAE, 2019) e detém o 8º grau de flauta transversal (CMP, 2014). Enquanto compositor, o seu trabalho abrange um conjunto de obras projetado para formações diversas, com especial foco na música de câmara instrumental/vocal de pequena/média constituição. O ensino musical é outra das suas áreas de grande interesse, nomeadamente no que concerne à disciplina de Análise e Técnicas de Composição, que leciona regularmente. Detém ainda uma atividade pontual enquanto maestro, sendo periodicamente responsável pela estreia de obras de jovens compositores portugueses.

CONSERVATÓRIO DE MÚSICA DO PORTO
ENSINO ARTÍSTICO ESPECIALIZADO

CONCERTO DESCODIFICADO

AISFO | 2018 (rev. 2019) | ca. 9’00”
Ana Teixeira (flauta e piccolo), Guilherme Silva (clarinete e clarinete baixo), Catarina Assunção (violino), Filipa André (violoncelo) e Carlos Lopes (piano) | Gravação em suporte áudio/vídeo
A formação instrumental empregue por A. Schoenberg no seu Pierrot Lunaire sempre me fascinou: versátil e rica, mas de um certo cariz romântico. Isto resume paralelamente a música de AISFO: é uma obra que procura explorar universos sonoros variados, ao mesmo tempo que se agarra a um certo fascínio pelo passado (o de I. Stravinsky, por exemplo, cujas influências em mim são pesadíssimas). A menção à formação do Pierrot também é pertinente dado o conjunto instrumental que compõe AISFO: um quinteto que em muito se assemelha ao ensemble usado por A. Schoenberg. Na base do processo de construção desta obra, poder-se-á também mencionar um certo simbolismo numérico: não é inocente que se trate de um quinteto, nem muito menos que o título seja composto por 5 letras. Contudo, findadas as contas, estas são apenas as excentricidades de um processo composicional mesquinho: o que importa é o resultado sonoro. À falta de melhores associações extramusicais, AISFO é como um “espirro” (daí o seu nome): um expelir para fora de algo que não pode ou não deve ser contido cá dentro. É, talvez disso se trate, realmente.

O Mundo à Minha Procura I | 2020 (rev. 2022) | ca. 2’30”
Guilherme Silva (clarinete) e Agnelo Marinho (voz) | Apresentação ao vivo
A música de O Mundo à Minha Procura I foi pensada enquanto “plano de fundo” à “palavra”: funciona bem por si mesma, mas está lá sobretudo para enriquecer os potenciais expressivos do texto aclamado. Foi escrita por encomenda do MPMP – Património Musical Vivo para honrar o escritor português Rúben A., em conjunto com outras pequenas obras, compostas no mesmo registo, por outros jovens compositores portugueses. Com o objetivo primordial de homenagear esta figura da literatura nacional, O Mundo à Minha Procura I concebe-se por inteiro através do texto que acompanha em si pequenos excertos autobiográficos de Rúben A. Estes trechos podem ser integralmente encontrados no 1º volume de uma coleção do escritor intitulada O Mundo à Minha Procura. “Roll the credits!”

Nuno Costa (Cerva, Ribeira e Pena, Portugal, 1986), terminou os seus estudos em composição com Ivan Fedele, na Accademia Nazionale di Santa Cecilia, em Roma, depois de ter estudado no Koninklijk Conservatorium Antwerpen (Bélgica), com Wim Hendrickx, e na Escola Superior de Música, Artes e Espetácuo, no Porto, com Eugénio Amorim. Frequentou diversos seminários, entre outros, com Marc André, Philippe Manoury, Kaija Saariaho e participou nos Cursos de Verão de Darmstadt, bem como noutros cursos. Teve, também, uma importante experiência de trabalho com o compositor Joaquim dos Santos. Entre 2014 e 2016 foi bolseiro do Istituto Italiano di Cultura. Depois de ser vencedor do ISCM Young Composer Award 2015, foi selecionado para participar na Late Fall Banff Musicians in Residence no The Banff Centre (Canadá, 2015) e recebeu a Bourse artistique da Casa de Velázquez – Académie de France à Madrid (2016). Foi um dos laureados da Foundation Royaumont (Voix Nouvelles, 2018) e foi selecionado para a residência artística em The Camargo Foundation (França, 2019); também venceu o Impuls International Composition Competition (Klangforum Wien, 2019). Obteve encomendas de Instituições como o Teatro La Fenice (Itália, 2015), La Biennale di Venezia (Itália, 2016), Fondation Royaumont (França, 2018), Casa da Música (Porto, 2019), ISCM (Áustria, 2020), Fundação Calouste Gulbenkian (Lisboa, 2021). Desenvolve ainda uma investigação em música no âmbito do doutoramento em Ciências da Cultura da Universidade do Minho (Braga, 2020).

CONSERVATÓRIO DE MÚSICA DO PORTO
ENSINO ARTÍSTICO ESPECIALIZADO

CONCERTO DESCODIFICADO

Pater Noster | 2014 | 6’30”
Coro Misto com divisi (Slovenian Philharmonic Chori, dir. Martina Batic) | Gravação em suporte áudio/vídeo
Da presente obra, é importante reter que o texto sacro é abordado da perspetiva de quem identifica a Oração a partir da experiência conjunta da sua recitação. Partindo desta premissa, a ideia musical foi trabalhada com o conceito de “multidão” em mente. As diferentes nuanças e formas de ataque de cada palavra, até ao modo de expressão individual, são amplificados em cada articulação sonora do coro. Ao mesmo tempo, usa-se a versada ideia do tenor como cantus firmus, numa forma de referência à prática musical ancestral. No geral, existem atmosferas sonoras diferenciadas que se confrontam e completam no decorrer da obra. Estas, procuram coexistir e construir uma reflexão inteiramente pessoal que almeja aflorar os domínios da metafísica mas, sem grande ambições de êxito, o conceito dominado pela vivência experienciada do texto é apresentado da forma mais verdadeira que a técnica permite. Desta forma, procurou-se potenciar cada fragmento lexical e traduzi-lo em cadeias de maior intensidade sonora, numa alternância que poderá lembrar a prática responsorial mas nada mais é do que a evocação do íntimo familiar que a utilização da Oração também possa ter. A dualidade de sentidos observada em cada palavra é, também, uma forte fonte de ideias que contrapõem a ironia das nossas ações com o comummente recitado em conjunto. Acima de tudo, procura-se explanar as diferentes condições do Ser – desde do temporal ao espiritual.

Lustralis | 2019 | 7’00”
Quarteto de Cordas (Mivos Quartet) | Gravação em suporte áudio/vídeo
Lustralis é a palavra para descrever um ritual religioso relacionado com a água. A música é uma viagem imaginativa em direção a uma possível cerimónia dentro de um Templo que não mais existe. Em termos de representação abstrata, preparei as cordas para me aproximar da ideia do som de um sino (um timbre muito característico e distinto deste tipo de lugares por todo o mundo); de seguida, procurei os silêncios para dar espaço e tempo para imaginarmos os nossos próprios lugares. Lustralis baseia-se na sensibilidade interna dos sons variantes; uma esfera para habitar. Perseguir as semelhanças, avançar nos contrastes, buscar o todo. Implodir para fundir, depois explodir – modulações e cores; um caminho para o envernizamento natural.

Diogo Novo Carvalho é doutorando em Estudos Artísticos (Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2019-), investigador colaborador (CEIS20/Universidade de Coimbra, 2019-), mestre em Composição e Teoria Musical (Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo, Instituto Politécnico do Porto, 2013) e em Ensino da Música (Escola das Artes, Universidade Católica Portuguesa, 2017). Como compositor tem realizado um trabalho diversificado e profundo sobre a articulação de modelos temporais associados à noção de silêncio, com obra interpretada em festivais como Festival Artes Vertentes no Brasil (2021), Festival Música Viva em Lisboa (2020), Aveiro-Síntese em Aveiro (2018-2020), Festival 20.21 em Évora (2018), Dias da Música Eletroacústica em Seia (2017), e encomendada por associações, intérpretes e formações como Francisco Béreny (guitarra), Ricardo Pires (saxofone), Frederic Cardoso (clarinete), Duo Sofia Leandro e Bruno Santos (violino e percussão), Vertixe Sonora (Espanha), Associação Arte no Tempo e Movimento Patrimonial pela Música Portuguesa (MPMP).

Ensaio Coreográfico | 2022 | ca. 15’00”
Carolina Costa (violoncelo) e Diogo Novo Carvalho (eletrónica em tempo real) | Apresentação ao vivo
Ensaio Coreográfico é uma performance de caráter experimental, na qual é explorada o sentido do corpo físico da intérprete em simbiose com o corpo do instrumento acústico, assim como na relação do tempo, espaço e silêncio.